

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Rosie Effect*

Autor: *Graeme Simsion*

Copyright © Graeme Simsion, 2014

Edição original publicada por The Text Publishing Co., Austrália, 2014

Edição portuguesa publicada por acordo com International Editors Co. e The Text Publishing Co., Austrália

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Pedro Elói Duarte*

Revisão: *Florbel Barreto / Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras / Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, agosto, 2017

Depósito legal n.º 428 841/17

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

O sumo de laranja não estava agendado para as sextas-feiras. Embora eu e a Rosie tenhamos abandonado o Sistema Padronizado de Refeições, que resultou numa melhoria da «espontaneidade» à custa do tempo passado em compras, do inventário e do desperdício de comida, concordámos que devia haver três dias por semana sem álcool. Na ausência de uma calendarização formal, e tal como eu previra, este objetivo revelou-se difícil de alcançar. A Rosie acabou por perceber a lógica da minha solução.

As sextas-feiras e os sábados eram dias em que, obviamente, se podia beber álcool. Nenhum de nós tinha aulas ao fim de semana. Podíamos deitar-nos tarde e, provavelmente, fazer amor.

Era absolutamente proibido agendar o sexo, pelo menos por acordo tácito, mas eu já conhecia a sequência de acontecimentos que poderiam precipitá-lo: um queque de mirtilo da Blue Sky Bakery, um *espresso* triplo do Otha's, despir a camisa e fazer a minha imitação do Gregory Peck no papel de Atticus Finch em *Na Sombra e no Silêncio*<sup>1</sup>. Aprendera a não utilizar estes quatro elementos na mesma sequência em todas as ocasiões, pois a minha intenção tornar-se-ia evidente. Para introduzir um elemento de imprevisibilidade, passei a atirar duas vezes uma moeda ao ar para escolher um componente da rotina a eliminar.

Eu tinha posto uma garrafa de *Elk Cove pinot gris* no frigorífico para acompanhar as vieiras compradas de manhã no Chelsea

---

<sup>1</sup> No original, *To Kill a Mockingbird*, filme realizado por Robert Mulligan em 1962. (NT)

Market, mas quando regressei, depois ter ido à cave buscar a roupa lavada, havia dois copos de sumo de laranja na mesa. Sumo de laranja não era compatível com o vinho. Bebido antes, anularia a sensibilidade das papilas gustativas ao leve sabor adocicado que era uma das características do *pinot gris*, criando assim um sabor amargo. Bebê-lo depois do vinho seria inaceitável. O sumo de laranja deteriora-se depressa — por isso a ênfase que se dá, quando tomamos o pequeno-almoço, ao sumo «feito na hora».

A Rosie encontrava-se no quarto e, por isso, não estava imediatamente disponível para conversar. No nosso apartamento havia nove combinações possíveis de localizações para duas pessoas, seis das quais envolviam estarmos em divisões diferentes. No nosso apartamento ideal, tal como especificámos em conjunto antes da nossa chegada a Nova Iorque, teria havido trinta e seis combinações possíveis, contando com o quarto, dois estúdios, duas casas de banho e uma sala pegada à cozinha. Este apartamento de referência situar-se-ia em Manhattan, perto da linha 1 ou A do metropolitano, para ter acesso à Faculdade de Medicina da Universidade de Columbia, com vista para o rio e uma varanda ou uma zona de *barbecue* no terraço.

Dado que o nosso rendimento consistia num salário académico, complementado por dois empregos de *barman* a tempo parcial, mas reduzido pelas propinas da Rosie, era necessário algum compromisso, e o nosso apartamento não tinha nenhuma das características especificadas. Déramos demasiada importância à zona de Williamsburg porque os nossos amigos Isaac e Judy Esler viviam aí e tinham-na recomendado. Não havia nenhuma razão lógica para que um professor de Genética com (então) quarenta anos e uma estudante de Medicina pós-graduada com trinta se ajustassem ao mesmo bairro de um psiquiatra de cinquenta e quatro anos e de uma oleira de cinquenta e dois, que haviam adquirido o seu apartamento antes de os preços terem subido em flecha. A renda era cara e o apartamento tinha alguns defeitos que a administração estava relutante em corrigir. Por agora, o ar condicionado não conseguia compensar a temperatura exterior de trinta e quatro graus Celsius, que estava dentro da média esperada para Brooklyn em finais de junho.

A redução do número de divisões, combinada com o casamento, significava que eu vivia agora mais próximo de outro ser humano do que alguma vez vivera. A presença física da Rosie foi um resultado extremamente positivo do Projeto Esposa, mas, após dez meses e dez dias de casamento, ainda estava a adaptar-me a ser um elemento de um casal. Por vezes, passo mais tempo na casa de banho do que o estritamente necessário.

Verifiquei a data no meu telemóvel — de facto, era sexta-feira, 21 de junho. Poderia dar-se o caso de o meu cérebro ter desenvolvido uma deficiência que o levasse a identificar incorretamente os dias, mas confirmei uma violação do protocolo do álcool.

As minhas reflexões foram interrompidas pela saída da Rosie do quarto, que envergava apenas uma toalha. Essa era a minha indumentária favorita, embora soubesse que «sem roupa» não era o mesmo que indumentária. Mais uma vez, fiquei admirado com a sua beleza e com a sua decisão inexplicável de me ter escolhido como marido. E, como sempre, este pensamento foi seguido por uma emoção indesejável: um momento intenso de medo de que, um dia, ela percebesse o seu erro.

— Que estás a cozinhar? — perguntou ela.

— Nada. Estou na fase de juntar os ingredientes.

Ela riu-se, com aquele tom que indicava que eu interpretara incorretamente a pergunta. É claro que a questão teria sido desnecessária se o Sistema Padronizado de Refeições estivesse em vigor. Forneci a informação que pensei que a Rosie queria.

— Vieiras sustentáveis com salada de cenoura, aipo, chalota e pimento, temperada com óleo de sésamo. A bebida de acompanhamento recomendada é *pinot gris*.

— Queres que faça alguma coisa?

— «Todos precisamos de dormir um bocado esta noite. Amanhã vamos para Navarone.»

O conteúdo da frase de Gregory Peck era irrelevante. O efeito vinha totalmente da enunciação e da impressão que transmitia de liderança e confiança na preparação de vieiras salteadas.

— E se eu não conseguir dormir, capitão? — disse a Rosie. Sorriu e desapareceu no interior da casa de banho. Não levantei a

questão do lugar da toalha: há muito que eu aceitara que a dela seria aleatoriamente guardada na casa de banho ou no quarto, ocupando assim dois espaços.

As nossas preferências pela ordem estão em extremos diferentes da escala.

Quando nos mudámos da Austrália para Nova Iorque, a Rosie encheu três malas de tamanho máximo. Só a quantidade de roupas era incrível. Os meus objetos pessoais cabiam em duas malas de mão. Aproveitei para atualizar os meus equipamentos: dei a minha aparelhagem de som e o computador de secretária ao meu irmão Trevor, levei a cama, a roupa de cama e os utensílios de cozinha para a casa de família em Shepparton e vendi a minha bicicleta.

Inversamente, a Rosie aumentou a sua vasta coleção de haveres ao comprar objetos decorativos poucas semanas depois de termos chegado. O resultado era visível no estado caótico do nosso apartamento: plantas em vasos, cadeiras em excesso e uma garrafeira impraticável.

Não era apenas a quantidade de objetos: havia também um problema de organização. O frigorífico estava apinhado de recipientes meio vazios de recheios de pão, pastas e laticínios deteriorados. A Rosie até sugeriu que trouxéssemos um segundo frigorífico da casa do meu amigo Dave. Um frigorífico para cada um! As vantagens do Sistema Padronizado de Refeições, com as suas refeições específicas para cada dia da semana, com a sua lista de compras padronizada e o seu inventário otimizador, nunca tinham sido tão evidentes.

Havia apenas uma exceção à abordagem desorganizada da Rosie. Esta exceção era uma variável. Normalmente, eram os seus estudos de Medicina, mas, agora, era a sua tese de doutoramento sobre os riscos ambientais do transtorno bipolar precoce. Deram-lhe estatuto avançado no curso de Medicina de Columbia, na condição de que a sua tese fosse concluída durante as férias de verão. Faltavam agora apenas dois meses e cinco dias para o prazo final.

— Como consegues ser tão organizada numa coisa e tão desorganizada em relação a tudo o resto? — perguntei à Rosie, depois de ela ter instalado a *driver* incorreta na sua impressora.

— *Porque* estou concentrada na minha tese. Não me preocupo com o resto. Ninguém pergunta se Freud verificava a data de validade do leite.

— Não havia datas de validade em inícios do século XX.

Era incrível como duas pessoas tão diferentes puderam tornar-se um casal bem-sucedido.

O Problema do Sumo de Laranja ocorreu no fim de uma semana já conturbada. Outro ocupante do nosso prédio havia destruído as minhas duas camisas «respeitáveis» ao pôr roupa dele juntamente com a nossa carga na máquina de lavar roupa partilhada. Eu compreendia a sua intenção de eficiência, mas uma peça da roupa dele desbotou e a nossa roupa clara ficou com umas manchas roxas permanentes e irregulares.

Pela minha parte, não havia problema: eu estava bem estabelecido como professor convidado na Faculdade de Medicina de Columbia e já não tinha de me preocupar com «criar uma boa primeira impressão». E não imaginava que me fosse vedada a entrada num restaurante por causa da *cor* da minha camisa. A roupa exterior da Rosie, que era maioritariamente preta, não fora afetada. O problema limitava-se à sua roupa interior.

Afirmei que não punha objeções ao novo tom e que mais ninguém deveria vê-la despida, exceto, talvez, um médico, cujo profissionalismo o impediria de se preocupar com questões estéticas. No entanto, a Rosie já tentara discutir o problema com o Jerome, o vizinho que ela identificara como o culpado, para prevenir que aquilo voltasse a acontecer. Parecia um procedimento sensato, mas o Jerome mandou-a à merda.

Não me admirei que ela tivesse encontrado resistência. Normalmente, a Rosie tinha uma abordagem direta à comunicação. Quando falava comigo, a sua abordagem era eficaz e até necessária, mas os outros costumavam interpretar essa franqueza como conflituosa. O Jerome não deu sinais de querer explorar soluções de compromisso.

A Rosie queria agora que eu o «confrontasse» e que demonstrasse que «não nos deixaríamos ficar». Este era exatamente o tipo de comportamento que eu ensinava aos meus alunos de artes marciais a evitarem. Se as duas partes tiverem o objetivo de estabelecer dominância e, por isso, aplicarem o algoritmo de «responder com força superior», o resultado final será a incapacidade ou a morte de uma das partes. Por causa de roupa.

Contudo, o problema da roupa era até pouco importante no contexto da semana como um todo. É que acontecera um *desastre*.

Acusam-me muitas vezes de abusar desta palavra, mas qualquer pessoa sensata reconheceria que era um termo adequado para descrever o fracasso do casamento dos meus amigos mais íntimos, que envolvia dois filhos menores. O Gene e a Claudia estavam na Austrália, mas a situação iria causar-me mais transtornos na agenda.

Conversei com o Gene através do Skype, e a qualidade da comunicação era má. O Gene também poderia estar embriagado. Parecia relutante em contar os pormenores, provavelmente porque:

1. De uma forma geral, as pessoas não estão dispostas a falar abertamente sobre as suas próprias atividades sexuais.
2. Comportara-se de forma extremamente estúpida.

Depois de ter prometido à Claudia que abandonaria o seu projeto de fazer sexo com uma mulher de cada país do mundo, o Gene não honrou o compromisso. A transgressão ocorrera numa conferência em Gotemburgo, na Suécia.

— Don, mostra alguma compaixão — disse ele. — Qual era a probabilidade de ela viver em Melbourne? Era *islandesa*.

Observei que eu era australiano e vivia nos Estados Unidos. Uma simples refutação por contraexemplo da ideia ridícula do Gene de que as pessoas ficam nos seus países.

— Está bem, mas logo em *Melbourne*. E ela conhecia a Claudia. Qual era a probabilidade de isso acontecer?

— É difícil de calcular.



Observei que o Gene devia ter levantado essa questão *antes* de ter acrescentado mais um artigo à sua lista de nacionalidades. Se ele quisesse uma estimativa sensata da probabilidade, eu precisaria de informações sobre os padrões de migração e sobre a dimensão da rede social e profissional da Claudia.

Havia outro facto:

— Para calcular o risco, tenho de saber quantas mulheres seduziste desde que prometeste deixar de o fazer. É claro que o risco aumenta proporcionalmente.

— Isso interessa?

— Se quiseres uma estimativa. Presumo que a resposta não seja zero — disse eu.

— Don, as conferências no estrangeiro não contam. É por isso que as pessoas vão a conferências. Toda a gente compreende isso.

— Se a Claudia compreende, qual é o problema?

— É suposto não sermos apanhados. O que acontece em Gotemburgo fica em Gotemburgo.

— Talvez as islandesas não conheçam essa regra.

— Ela faz parte do clube de leitura da Claudia.

— Há alguma exceção para os clubes de leitura?

— Esquece. De qualquer forma, acabou. A Claudia pôs-me na rua.

— És um sem-abrigo?

— Mais ou menos.

— Incrível. Disseste à reitora?

A reitora da Faculdade de Ciências de Melbourne preocupava-se extremamente com a imagem pública da universidade. Parecia-me que ter um sem-abrigo a dirigir o Departamento de Psicologia não seria, para usar a sua expressão habitual, «uma boa imagem».

— Vou tirar uma licença sabática — disse o Gene. — Quem sabe, talvez vá até Nova Iorque e pago-te uma cerveja.

Era uma ideia excelente, não a cerveja, que eu próprio podia pagar, mas a possibilidade de ter o meu velho amigo em Nova Iorque.

Sem contar com a Rosie e os membros da família, tinha um total de seis amigos. Eram, por ordem decrescente de tempo total de contacto:

1. O Gene, cujos conselhos se revelavam muitas vezes errados, mas que tinha um fascinante conhecimento teórico da atração sexual humana, talvez motivado pela sua própria libido, que era excessiva para um homem de cinquenta e sete anos.
2. A mulher do Gene, Claudia, psicóloga clínica e a pessoa mais sensível do mundo. Revelara uma tolerância extraordinária em relação à infidelidade do Gene antes de este ter prometido mudar. Pergunto-me o que aconteceria à Eugenie, filha deles, e ao Carl, o filho do primeiro casamento do Gene. A Eugenie tinha agora nove anos e o Carl tinha dezassete.
3. Dave Bechler, engenheiro de sistemas de refrigeração, que conheci num jogo de beisebol durante a minha primeira visita a Nova Iorque com a Rosie. Encontrávamo-nos agora semanalmente na nossa «noite dos rapazes» para falarmos de beisebol, de refrigeração e de matrimónio.
4. Sonia, a mulher do Dave. Apesar de ser ligeiramente obesa (IMC aproximado de 27), era extremamente bela e tinha um emprego bem remunerado como gerente financeira de uma clínica de fertilização *in vitro*. Estes atributos eram uma fonte de *stress* para o Dave, que receava que ela pudesse trocá-lo por um homem mais atraente ou rico. Desde há cinco anos que o Dave e a Sonia tentavam ter filhos recorrendo à tecnologia FIV (curiosamente, não no local de trabalho da Sonia, onde eu pensava que ela poderia ter um desconto e, se necessário, acesso a genes de alta qualidade). Conseguiu engravidar recentemente e o bebé deverá nascer no Natal.
5. (em igualdade) Isaac Esler, psiquiatra de origem australiana que, durante algum tempo, pensei que seria a pessoa com mais probabilidades de ser o pai biológico da Rosie.
5. (em igualdade) Judy Esler, a esposa americana do Isaac. A Judy era uma artista oleira que também angariava dinheiro para

instituições de caridade e para a investigação. Era responsável por alguns dos objetos decorativos que me atravancavam o apartamento.

Seis amigos, pressupondo que os Eslers eram ainda meus amigos. Desde um incidente que envolveu atum-rabilho, ocorrido há seis semanas e cinco dias, que o nosso contacto era nulo. Mesmo assim, quatro amigos eram mais do que os que alguma vez tivera. Havia agora a possibilidade de todos eles, menos a Claudia, estarem comigo em Nova Iorque.

Agi com rapidez e perguntei ao reitor de Medicina de Columbia, o professor David Borenstein, se o Gene podia fazer aí a sabática. O Gene, tal como, por coincidência, o seu nome indica, é geneticista, mas com especialidade em Psicologia Evolucionista. Podia ser colocado nos departamentos de Psicologia, Genética ou Medicina, mas recomendei que não fosse para o de Psicologia. A maioria dos psicólogos discorda das teorias do Gene e eu previa que ele não precisaria de mais conflitos na sua vida. Era uma ideia que requeria um nível de empatia que eu não tinha antes de viver com a Rosie.

Recomendei ao reitor que, como professor catedrático, o Gene não iria querer fazer trabalho docente. O David Borenstein conhecia o protocolo sabático, que ditava que o Gene seria pago pela sua universidade da Austrália. Conhecia também a reputação do Gene.

— Se ele assinar algumas teses em coautoria e se se mantiver afastado das doutorandas, posso arranjar-lhe um gabinete.

— Claro, claro.

O Gene era perito em publicações com o mínimo esforço. Teria muito tempo livre para abordar temas interessantes.

— Estou a falar a sério em relação às doutorandas. Se ele arranjar sarilhos, o Don será o responsável.

Isto parecia uma ameaça pouco sensata, típica dos administradores universitários, mas dar-me-ia uma desculpa para tentar mudar o comportamento do Gene. Além disso, depois de fazer uma análise sobre as alunas de doutoramento, concluí que seria

improvável que alguma fosse de interesse para o Gene. Confirmei isto quando lhe telefonei para lhe anunciar que conseguira arranjar-lhe emprego.

— Já tens o México? Correto?

— Passei algum tempo com uma senhora dessa nacionalidade, se é isso que perguntas.

— Fizeste sexo com ela?

— Mais ou menos.

Havia várias doutorandas estrangeiras, mas o Gene já cobrira todos os países civilizados mais populosos.

— Então, aceitas o cargo? — perguntei.

— Tenho de rever as minhas opções.

— Ridículo. Columbia tem a melhor escola de medicina do mundo e estão dispostos a aceitar uma pessoa com fama de preguiça e de comportamento inapropriado.

— Olha quem fala de comportamento inapropriado.

— Correto. Eles aceitam-me. São extremamente tolerantes. Podes começar na segunda-feira.

— Segunda-feira? Don, não tenho onde ficar.

Expliquei-lhe que arranjaría uma solução para esse pequeno problema prático. O Gene vinha para Nova Iorque. Voltaria a estar na mesma universidade que eu. E que a Rosie.

Enquanto olhava para os dois sumos de laranja em cima da mesa, apercebi-me de que estava ansioso pelo álcool para contrariar a minha ansiedade por ter de contar à Rosie as novidades sobre o Gene. Disse para mim próprio que estava desnecessariamente preocupado. A Rosie, de forma espontânea, iria recebê-lo bem. No entanto, esta análise simples ignorava três fatores.

1. A Rosie não gostava do Gene. Ele fora o seu supervisor de doutoramento em Melbourne e, tecnicamente, continuava a sê-lo. A Rosie tinha numerosas queixas sobre a sua conduta académica e considerava inaceitável a sua infidelidade em relação à Claudia. O meu argumento de que ele mudara estava agora comprometido.

2. A Rosie considerava importante que tivéssemos «tempo para nós próprios». Eu teria agora de dedicar algum tempo ao Gene, que insistia que a sua relação com a Claudia acabara. No entanto, se houvesse alguma hipótese de podermos ajudar a salvá-la, parecia sensato dar, temporariamente, menos prioridade ao nosso próprio casamento saudável. Estava certo de que a Rosie iria discordar.
3. O Fator 3 era o mais sério e, talvez, o resultado de um juízo errado da minha parte. Afastei-o dos meus pensamentos para me concentrar no problema imediato.

Os dois copos largos cheios de sumo de laranja recordaram-me a noite em que eu e a Rosie nos «ligámos» pela primeira vez, a Grande Noite de *Cocktails*, em que retirámos amostras de ADN de todos os homens presentes na reunião da turma de Medicina da sua mãe e os eliminámos a todos como candidatos a pai biológico da Rosie. Mais uma vez, as minhas aptidões para fazer *cocktails* iriam providenciar uma solução.

Eu e a Rosie trabalhávamos três noites por semana no The Alchemist, um bar de *cocktails* na West 19<sup>th</sup> Street, no bairro de Flatiron; por isso, equipamentos e ingredientes para fazer *cocktails* eram ferramentas de trabalho (embora o nosso contabilista não estivesse convencido disso). Fui buscar a *vodka*, o *Galliano* e cubos de gelo, juntei-os aos sumos de laranja e mexi-os. Em vez de começar a beber antes da Rosie, servi a mim próprio um *shot* de *vodka* com gelo, juntei umas gotas de lima e bebi-o de um trago. Quase de imediato, senti o meu nível de *stress* a regressar ao seu estado normal.

A Rosie saiu finalmente da casa de banho. À exceção da mudança de direção, a única diferença no seu aspeto era que o seu cabelo ruivo estava agora molhado. Mas parecia mais bem-disposta: quase dançava enquanto se dirigia para o quarto. Obviamente, as vieiras haviam sido uma boa escolha.

Talvez o seu estado emocional a tornasse mais recetiva à Sabática do Gene, mas parecia aconselhável adiar as notícias até à manhã

seguinte, depois de termos feito amor. É claro que se ela soubesse que eu tinha retido informações com esse fim, eu seria criticado. O casamento é uma coisa complexa.

Quando a Rosie chegou à porta do quarto, virou-se e declarou: — Demoro cinco minutos a vestir-me e, depois, espero as melhores vieiras do mundo.

A sua expressão «melhor do mundo» era uma apropriação de uma das minhas expressões, o que era um sinal claro de boa disposição.

— Cinco minutos? — Subestimar o tempo teria um impacto desastroso na preparação das vieiras.

— Dá-me quinze. Não há pressa para comer. Podemos tomar uma bebida e conversar, capitão Mallory.

O nome da personagem de Gregory Peck era outro bom sinal. O único problema era a conversa. «Aconteceu alguma coisa no teu dia?», perguntaria ela, e seria obrigado a falar da Sabática do Gene. Resolvi manter-me ocupado com tarefas de cozinha. Entretanto, guardei os *Harvey Wallbangers* no congelador, pois corriam o risco de ficar acima da temperatura ótima quando o gelo derretesse. O arrefecimento também reduziria a taxa de deterioração do sumo de laranja.

Regressei à preparação do jantar. Nunca usara esta receita e só depois de ter começado é que descobri que os legumes tinham de ser cortados em cubos de sessenta centímetros. A lista de ingredientes não fazia referência a nenhuma régua. Podia descarregar uma aplicação de medidas no meu telemóvel, mas ainda mal terminara a produção do cubo de referência quando a Rosie reapareceu. Envergava agora um vestido — muito pouco usual para jantar em casa. Era branco e contrastava fortemente com o seu cabelo ruivo. O efeito era deslumbrante. Resolvi adiar só um pouco as notícias sobre o Gene. Reagendaria o treino de *aikido* para a manhã seguinte. Ficaria assim com tempo para sexo depois do jantar. Ou antes. Estava disposto a ser flexível.

A Rosie sentou-se num dos dois cadeirões que ocupavam uma percentagem significativa da sala de estar.

— Vem cá e fala comigo — disse ela.

— Estou a cortar legumes. Posso falar daqui.

— Que aconteceu aos sumos de laranja?

Retirei do frigorífico os sumos de laranja modificados, dei um à Rosie e sentei-me no cadeirão em frente dela. A *vodka* e a afabilidade da Rosie haviam-me relaxado, embora suspeitasse de que o efeito fosse superficial. Em pano de fundo, os problemas do Gene, do Jerome e do sumo continuavam ativos.

A Rosie ergueu o seu copo como se propusesse um brinde. Era exatamente o que estava a fazer.

— Temos uma coisa para comemorar, capitão — declarou. Olhou para mim durante alguns segundos. Ela sabe que eu não gosto de surpresas. Pensei que tinha alcançado algum marco importante na sua tese. Ou que talvez lhe tivessem oferecido uma posição no programa de formação de psiquiatria depois de concluir o curso de Medicina. Seriam notícias muito boas e calculei que a minha probabilidade de ter sexo era superior a noventa por cento.

Ela sorriu. Depois, provavelmente para aumentar o *suspense*, deu um gole na bebida. Desastre! Era como se contivesse veneno.

Cuspiu a bebida, para cima do vestido branco, e correu para a casa de banho. Segui-a enquanto ela despia o vestido e o passava por água.

De pé, na sua roupa interior meio roxa, a lavar o vestido com água, voltou-se para mim. A sua expressão era demasiado complexa para analisar.

— Estamos grávidos — anunciou.